

A literatura apocalíptica e a ideia de ordem e de fim

O tratamento da ideia de ordem e de fim no âmbito da literatura apocalíptica tem de definir-se relativamente a vários aspectos que integram o conteúdo essencial desta mentalidade.

**José Augusto
M. Ramos**

*Instituto Oriental
da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa*

O tratamento da ideia de ordem e de fim no âmbito da literatura apocalíptica tem de definir-se relativamente a vários aspectos que integram o conteúdo essencial desta mentalidade. São nomeadamente as suas dimensões como fenómeno histórico, como conjunto de ideias, de estratégias e de atitudes, como discurso assumido e como imagética cultivada. O que vamos procurar fazer, para traçar aqui uma breve síntese, é ensaiar alguma transparência daquilo que são os objectos e os objectivos da apocalíptica, de modo a tornar o mais evidentes possível a realidade e a imagética que constituem a base e a pertinência do seu discurso. É notório que a apocalíptica se caracteriza essencialmente pela especificidade do seu discurso, que é bem reconhecível e eficaz. E todo o discurso implica forçosamente um conteúdo.

Tradicionalmente era menos notória ou bastante menos sublinhada a existência de um discurso especificamente apocalíptico. O livro do Novo Testamento, que se autodesignava precisamente *Apocalipse de Jesus Cristo* e que ficou para a história simplesmente conhecido como o *Apocalipse* de João, representava demasiado isoladamente este género literário e este ambiente cultural e ideológico. Foi deste, na verdade, que acabou por se forjar o rótulo que haveria de designar esta categoria literária que cada vez mais se mostra presente e se revela profundamente actuante, nas mais variadas situações da história. Mas este último livro da Bíblia não é mais do que um destacado ponto de confluência de uma prolífica linha de criatividade literária e de intervenção política e cultural, que tinha para sua origem uma longa história anterior e antiquíssimas raízes. A classificação de apocalipse ocorre agora fre-

quentemente para identificar secções importantes de alguns livros famosos da Bíblia¹. E, fora da Bíblia, a história da literatura antiga de contexto judaico e afins é rica em produtos deste mesmo género.

O fenómeno e o discurso

A apocalíptica representa um género literário e um conjunto ideológico vigentes durante quase meio milénio, antes e depois da era cristã. O meio histórico, social e cultural no qual se desenvolveu este tipo de discurso é caracteristicamente judaico-cristão. A época áurea em que floresceu a produção deste género literário situa-se mais intensamente entre o início do séc. II a.C. e a primeira metade do séc. II d.C.

As coordenadas, os temas e as referências culturais que este género literário transporta consigo são os específicos e os mais necessários e urgentes no âmbito deste contexto histórico. Como género literário específico, ele apresenta um conjunto de modelos reproduzidos, que constituem os recursos e estratégias que definem literariamente este fenómeno literário. Como conjunto ideológico, exhibe um conjunto de atitudes que definem uma muito característica e insinuante idiosincrasia. Dois milénios que leva de enraizamento até hoje são disso o melhor comprovativo.

Meio herdeira dos profetas, meio assente no fundo mítico perene de que se nutre o espírito das culturas pré-clássicas², este discurso e esta mentalidade apocalípticos podem considerar-se o verdadeiro ex-libris cultural da época de onde são contemporaneamente originários tanto o cristianismo como o judaísmo. Os acontecimentos políticos e as transformações culturais e institucionais, ocorridas na Palestina e no mundo em que ela se inseria, foram decisivos para a definição de uma era nova para o património da religião hebraica bíblica e para a sociedade que se assumia como sujeito dessa religião e da sua cultura. Dessas transformações nasce tanto a nova fase da religião hebraica, agora designada como judaísmo, como a nova versão ou a nova via judaico-cristã da religião bíblica, que passou a ser designada como cristianismo, porque representava o dinamismo das utopias messiânicas pré-clássicas. Qualquer destas duas religiões deve muito ao contexto e ao impulso que a atitude apocalíptica transportava em si.

Apresenta-se-nos a apocalíptica como um espaço de convergência entre as evidências específicas de dois tipos de discurso religioso. O primeiro é de características intersubjectivas; este é o tradicional discurso religioso hebraico que, mais do que na ortodoxia dos textos legais, se exprime sobretudo na literatura profética. O segundo é constituído pelas transparências próprias de uma concepção religiosa assente sobre o discurso mítico tradicional de estrutura mais objectivante³. O primeiro caracteriza-se pela consciência e pela

¹É o que acontece, de maneira perfeitamente consensual para a compreensão do cap. 7 do livro de Daniel, visto no seu conjunto como uma obra literariamente compósita, sem as características estritas de um livro profético. Daniel é uma obra pseudepigráfica, que um militante anónimo da luta contra a política de helenização radical conduzida pelos seléucidas e sobretudo pelo rei Antíoco IV atribuiu simbolicamente a um sábio da antiguidade, de modo a dar à sua mensagem maior autoridade. Nos livros encabeçados por nomes de profetas, nomeadamente de Isaías (cap. 24 a 27) e Zacarias (9 a 14) foram igualmente introduzidos, numa procura de valorização dos conteúdos pela via da pseudepigrafia, textos de cariz apocalíptico. O discurso apocalíptico numa das suas formulações bíblicas talvez mais autênticas e mais populares apresenta-se no cerne dos evangelhos sinópticos, em Mc 13 e seus textos paralelos nos evangelhos de Mateus e em Lucas.

²Os conteúdos e as formas do discurso profético bem como os conteúdos e as formas do discurso mitológico são, de facto, reconhecidos como os antecedentes da apocalíptica, como os tratados sobre a mesma costumam referir.

³Na literatura mitológica, as categorias a que correspondem os deuses são categorias estruturantes da realidade e o discurso religioso mítico apresenta-se, desta maneira e mesmo na sua representação do divino, como uma contemplação das dimensões da realidade. É claro que um discurso religioso em que Deus se define através de um esquema de relações intersubjectivas pode ter uma leitura igualmente objectivante. Mas o imediatismo do discurso implica gradações de consciência de teor diferenciado.

atitude militante, face às vicissitudes da história e aos problemas da condição social. É a consciência subjectiva da história. O segundo vê a longa aventura da sociedade, da história e do mundo como uma acção que decorre de modo objectivo, face à qual a personagem que se encontra na posição de contemplador e testemunha formula anseios e manifesta interesses, sentindo que ele próprio está engolido naquele movimento, mas cujo ritmo e destino o ultrapassa e transcende. Esta é uma consciência de história objectiva. E ambas estas atitudes de consciência se afirmam, de forma intensa, irresolúvel e quase desgarrada na mentalidade apocalíptica e nos seus produtos.

Objectos e objectivos da apocalíptica

Nesta atitude apocalíptica podemos encontrar uma literatura e uma ideologia sobre o futuro que se julga absolutamente necessário para um presente que se sente absolutamente inaceitável, elaborada com os dados que o passado mostrava como mais eficazes e garantidos.

O futuro necessário é a expectativa ansiosa que mais marca o olhar e o discurso do homem apocalíptico. Poderíamos dizer que este é o tema irrenunciável, pelo qual empeneha os seus esforços de militante e ao serviço do qual coloca o seu engenho de criador e para o qual dirige a sua argúcia de estratégia.

O presente inaceitável constitui a narrativa de realidade que a apocalíptica produz. É o panorama imediato que vê e que vive. É sobre o presente que ele mais escreve. Só que tem de fazer essa narração do estado das coisas sob forma simbólica, por ser directamente conhecida dos seus leitores e para tornar-se mais eficazmente simbólica nas suas conotações. Entende-se facilmente a linguagem simbólica da apocalíptica como sendo um exercício de camuflagem, para auto-protecção. Mas pode bem ser também um exercício de insuflagem de simbolicidade, para garantir um acréscimo de conteúdo a uma realidade inquietantemente vazia.

Os dados do passado representam os recursos literários do homem apocalíptico, para definir as suas leituras do futuro, garantir os seus objectivos de intervenção e persuadir os leitores aos quais se dirige, dando-lhes a evidência de que os males presentes ficam muito relativizados e os sonhos para o futuro ficam inteiramente garantidos com a evidenciação da sua inteira previsibilidade. Esta previsibilidade do futuro é o antídoto contra a angústia e a insegurança. Prevendo-se e fixando-se os contornos dos acontecimentos daquele futuro que interessa imediatamente ao leitor destinatário da mensagem apocalíptica, torna-se transparente e apetecível a opacidade do futuro que, em si mesma, seria percebida como agressiva.

O tempo essencial para a apocalíptica poderia então definir-se, pelas perspectivas do primeiro contacto, como sendo sem dúvida o futuro. Apesar dos mal-entendidos profundos e frequentes que o termo tem gerado e que precisa de contínuos correctivos, a apocalíptica buscaria de forma ousada esboçar uma autêntica história do futuro⁴.

Como característica fundamental pode tomar-se a própria definição de apocalíptica (desvelamento, iluminação, revelação) como uma expressão de lucidez ou mesmo hiperlucidez. Ao assumir como nome deste género literário a palavra “apocalipse”, estava o

⁴O livro famoso do P. António Vieira e as leituras que eram mais naturalmente realizadas no seu tempo valorizam esta perspectiva da apocalíptica como “profecia” / previsão dos acontecimentos futuros. Aparentemente menos ligada a acontecimentos estritamente de interesse nacional parece ser a perspectiva de leitura da obra de grande fôlego que sobre o assunto António Vieira foi produzindo ao longo de muitos anos e que recentemente foi traduzida para português e editada pela Biblioteca Nacional por uma equipa dirigida por Arnaldo Espírito Santo, Lisboa, 2000.

autor a definir como pedra de toque destes textos a ideia de “revelação”. A incidência desta visibilidade “revelada”, que é característica da epistemologia apocalíptica, produz efeitos de uma definição que se pode considerar excessiva. A maneira como a apocalíptica se relaciona com as realidades que considera preencherem o seu mundo ou simplesmente o mundo dos humanos faz dela evidentemente uma espécie de surrealismo teológico. Este sublinhar do olhar apocalíptico como sendo um surrealismo teológico pode aceitar-se como representando, de algum modo, um pleonasma. Com efeito, o próprio discurso teológico representa já em si um surrealismo simbólico da realidade. Face à opacidade do presente, por causa do dramatismo das situações e por causa da insegurança de todas as soluções, a linguagem apocalíptica é por definição uma linguagem de revelação. Esta linguagem de revelação é uma base de segurança que sugere ao sujeito apocalíptico e ao seu destinatário imagens de serenidade, atitude de espírito eminentemente necessária.

A apresentação de um precioso livro, milagrosamente escrito por uma importante personagem, no passado remoto, e providencialmente conservado para ser lido precisamente *agora*, quando ele se torna mesmo pertinente e necessário, é um dos processos de a apocalíptica mostrar a sua sensação de beneficiar de uma revelação. Viagens pelo além, como oportunidades de revelação e como desvendamento das realidades do universo todo e da história inteira, são igualmente um recurso corrente da escrita apocalíptica.

O dramatismo da linguagem apocalíptica não significa que ela pretenda ser fonte ou instigadora de medos. A versão mais genérica e popular do discurso apocalíptico poderia com excessiva naturalidade sugerir o medo generalizado⁵. No entanto, a apocalíptica é uma reacção lúcida e militante contra medos imediatos e evidentes, que fazem parte da realidade e que constituem uma como que estrutura injusta. É essa injustiça que torna este combate contra a realidade uma militância e uma cruzada em prol da esperança. Os medos que preenchem o discurso apocalíptico são, por conseguinte, registados; não são propostos ou sugeridos nem muito propositadamente inoculados.

Este âmbito de conteúdos é responsável por muitas das imagens “apocalípticas” que a apocalíptica veicula. Mas elas conotam ameaças sobretudo contra terceiros, contra os responsáveis do mau estado do mundo. Para os seus imediatos cultores e destinatários, a apocalíptica é mais propriamente e é sobretudo fonte de esperança.

O caminho da solução para os males que infestam o mundo não consiste em aplicar correctivos circunstanciais, caso a caso. A solução consiste na ultrapassagem deste estado das coisas, na transcendentização da vil condição presente, no transbordamento dos limites e barreiras mesquinhas com que a experiência se depara, no excesso relativamente aos próprios critérios estabelecidos de normalidade. O estado actual do mundo desordenado e o seu estado ordenado que se espera situam-se em duas ordens de valores e de realidades clara e radicalmente diferentes. A relação entre o presente estado do mundo e aquele que se exige é apresentada como hiato abissal entre um mundo que existe e infelizmente se demonstra como sendo precisamente “este mundo” (*ha'olam hazzeh*) e um outro mundo diferente, “o mundo que aí vem” (*ha'olam habba*). Todas estas suas imagens transbordam naturalmente da escala da normalidade. A revelação apocalíptica é estruturalmente sobrenatural. E a concepção do sobrenatural é uma forma de relação exigente e de algum modo utópica com o estado da natureza, sobretudo da natureza humana mas também da natureza integral.

Não só a natureza do novo mundo é sobrenatural; o próprio acesso ao seu conhecimento é igualmente sobrenatural. No entanto, apesar deste recurso à sobrenaturalidade como fórmula ontológica e também como processo epistemológico, pelo conceito nuclear

⁵ É assim que parece apresentar-se a perspectiva apocalíptica como ansiedade e apreensão, face a ameaças imprevisíveis no referido discurso escatológico de Marcos 13 e seus paralelos sinópticos.

de “apocalipse” / revelação, a apocalíptica mantém uma atitude de procura e uma prática de escrita que, à medida que vamos aprofundando o seu conhecimento, se nos vai apresentando como pedagogicamente e também esforçadamente hermenêutica em alto grau. A revelação, iluminação ou inspiração apresenta-se na escrita apocalíptica como o fruto amadurecido e merecido de longas meditações e de profundo estudo. A profusão de imagens com que se reveste, como sua armadura essencial, são literária e diacronicamente acumulativas. Todas as imagens literárias, proféticas, teológicas ou míticas confluem entusiasticamente nas suas descrições das experiências e das expectativas. Por esta acumulação de imagens, somada à natural complexidade dos conteúdos sempre globalizantes, o discurso torna-se naturalmente prolixo. Assim se justifica também o carácter compósito com que elabora as memórias culturais e literárias do passado. Por este cuidado em utilizar hermeneuticamente os textos passados para expor a sua exegese do futuro, a apocalíptica transformou-se num *midrash*⁶ específico para a leitura das imagens míticas. Estas imagens míticas são sobretudo hauridas do património literário da tradição bíblica, para a qual tinham andado a confluir milenarmente os temas das mitologias orientais. Estas antigas mitologias orientais conservavam ainda, mesmo na cultura popular, conteúdos de alimentação directa para qualquer autor ou leitor da era apocalíptica. Por este conjunto de raízes aproveitadas e valorizadas, e apesar de a sua atitude ser intencionalmente militante e a sua estratégia ser naturalmente apologética, a apocalíptica assenta tão amplamente sobre o chão da experiência humana social e cósmica que não é difícil encontrar na sua escrita um marcado ecumenismo cultural. Apesar dos seus compromissos de militância e de estratégia, a apocalíptica não é uma mentalidade de cariz ortodoxizante. A sua criatividade e entusiasmo oferecem-lhe virtualidades suficientes de inovação e heterodoxia.

A ideia de ordem

A ideia de ordem representa, na apocalíptica, a utopia inadiável da justiça e esta preocupação constitui o núcleo axiológico das suas preocupações e o cerne dos seus objectivos. Esta tensão entre o dramatismo imediato da experiência e a ânsia dos objectivos estabelece naturalmente dois níveis muito diversos e contrapostos de realidade.

A realidade que é exposta é a desordem generalizada e insuportável. São as opressões, violências e corrupções que afectam toda a vida colectiva e se repercutem na vida de cada indivíduo. As imagens com que se descreve esta realidade presente são naturalmente téticas e dramáticas. Não poderia esperar-se outra coisa de uma ideologia que assume posições e que faz militância contra o estado injusto da sociedade.

Em contrapartida, a realidade que é proposta é a do reordenamento universal. As imagens para propor esta realidade alternativa são de uma cativante vivacidade utópica. A imagética fundamental da apocalíptica pertence, por conseguinte, ao âmbito da utopia ambicionada; é uma apresentação de verdades de opção ou desiderato, uma espécie de “wishfull thinking”. Andamos nas imediações de uma mundividência de tipo poético e este âmbito é, no seu fundamento e modelos, bastante análogo ao estatuto do pensamento teológico ou religioso, de uma maneira geral.

O horizonte de qualquer destas modalidades antitéticas da realidade é político e mesmo geopolítico. A realidade negativa com a qual o homem apocalíptico se confronta

⁶ *Midrash* é um modelo de leitura, interpretação e reescrita dos textos bíblicos. Este modelo hermenêutico de estudo, interpretação e reescrita floresceu no judaísmo antigo até à Idade Média. O modelo de escrita que deriva desta hermenêutica é sobretudo escrita narrativa. Escrever novas histórias que giram em torno ao tema estudado e meditado são a forma de exprimir o fundo dos textos meditados e o promissor conteúdo que só a leitura revela.

não se limita simplesmente aos dissabores da ocupação estrangeira. É a justiça como referência fundamental aquilo que está posto em causa por este estado injusto das coisas. E isso não afecta somente os judeus, que é o grupo social que directamente se espelha na literatura apocalíptica. Para qualquer outro povo as atitudes e comportamentos negativos são sentidos como igualmente injustos e perniciosos. É, na verdade, uma questão de poder. Este poder existente é de cariz diabólico. São, portanto, seres demoníacos as entidades detentoras deste tipo de poder maléfico e são apresentadas como monstros as figuras que melhor se prestam para lhes servir de imagem. Também a realidade desejada constitui um mundo, um cosmos. Poderíamos mesmo dizer que, legitimada pelas coordenadas da utopia, a apocalíptica é ainda mais ampla e universal na realidade sonhada do que já sentia necessidade de ser no tocante à realidade presente, da qual apresenta uma imagem descritiva.

A chave para esta desgarradora consciência de uma dupla realidade incomensurável é naturalmente a certeza de que todos os escândalos desta história cabem dentro de um plano ou desígnio que o poder soberano define e governa. Esta realidade é organizável e governável no quadro de uma "oikonomia" que pode ser paciente e longa, mas que se mantém viva. É o seu postulado de esperança. Todo o pensamento pré-clássico é basicamente optimista, no que toca à ordem geral do universo. Tudo tem sentido e função destinada. Esta arbitragem suprema é atribuída a Deus. É ele o verdadeiro detentor do poder que a tudo superintende e que governa, apesar do que as aparências imediatas parecem demonstrar, ambos os níveis contrastantes da realidade. No entanto, pela maneira como o faz, se Deus se apresenta discreto, quanto ao decurso da primeira realidade histórica e presente, espera-se que ele se manifeste vitorioso e triunfante relativamente à realidade ambicionada. A apocalíptica proclama que Deus tem destinado entregar nas mãos de alguém digno a soberania do mundo reordenado.

Esta imagética do transcendente e do sobre-humano aparece com toda a intensidade. As suas imagens são, por conseguinte, amplas, universais, cósmicas. Além da universalidade coetânea, a apocalíptica insiste de maneira particularmente viva na exposição da história, construída com os ingredientes, as figuras e os acontecimentos específicos da história da respectiva comunidade.

As encenações apocalípticas configuram grandes planos de história universal e ajudaram a definir, no nosso horizonte cultural, a consciência desta solidariedade que atravessa as fronteiras do tempo humano. Por outro lado, a ideia de universalidade e totalidade, para caracterizar a realidade esperada, é apresentada, no geral, com recurso às fórmulas seminais, genéricas e totalizantes de novos céus e nova terra. A esta totalidade podem acrescentar-se algumas pormenorizações de maior ressonância, como seja a da nova cidade, no Apocalipse de João, a nova Jerusalém, espaço e imagem para uma nova sociedade, inteiramente outra, mas na exactamente mesma cidade.

As imagens de fim

As imagens omnipresentes na apocalíptica incidem frequentemente sobre o fim de uma fase ou de um ciclo histórico ou até sobre o fim do mundo. Estas imagens de fim interferem directamente com o estado e ordenamento do mundo. Elas são drásticas no exprimir o confronto com a desordem reinante. Os cataclismos referidos ou, mais propriamente, sugeridos são gritos de raiva e apelos de militância. Estas perspectivas globalizantes traduzem, neste meio, a urgência das expectativas e o dinamismo da combatividade bem como a radicalidade da tarefa que a pretendida utopia impõe. O fim universal é uma garantia de limpeza e purificação de toda a desordem.

Este fim assim descrito não é uma catástrofe iminente que se lamenta; é, muito pelo contrário, o reordenamento urgente, evidente e já adveniente. Sob muitos aspectos, o conceito de fim do mundo é um conceito invadente e progressivamente crescente e mantém analogias com o conceito simétrico de reino de Deus, nesta mesma época e contexto. Como este último, também o conceito de fim do mundo é sobretudo expressão da vontade de implantação de uma nova ordem. Esta implica uma reviravolta completa na ordem de valores, poderes e práticas instituídas. A esperança procura alimentar a certeza de que a reviravolta se vá processando, de forma mais ou menos acentuada. As metáforas de fim de mundo e de reino de Deus são, desta maneira, perspectivas convergentes.

Com algum rigor, podemos até considerar que elas são mesmo correlativas. A realização de um reino, isto é de um estado de valores, práticas e poderes de modelo divino é uma alternativa radical ao estado de um reino de modelo humano. O primeiro tem forçosamente de substituir o segundo. O fim deste mundo é então uma inevitabilidade da esperança. Aliás, este conceito de fim é sobretudo uma implicação do aparecimento de um novo céu e de uma nova terra. A apocalíptica vê desaparecer, sem qualquer espécie de saudade, a antiga ordem do mundo.

A globalização dos traços na representação do fim exprime, além disso, a consciência clara e solidária da unidade humana e cósmica, na questão da ordem. A ordem que existe atinge e prejudica a todos; aquela ordem que se propõe e se espera a todos diz respeito e beneficia. O que a apocalíptica está, desta maneira, a propor é uma re-cosmogonia.

A ideia de combatividade que anda implicada nas imagens de fim de mundo exprime, com toda a naturalidade, como são incompatíveis os dois campos de valores opostos. E, além de representar uma categoria mítica de grande sucesso, pervivência milenar e incidência quotidiana ao longo das culturas do Próximo Oriente Antigo, mostra também, de maneira bem viva, a imensa precariedade dos equilíbrios entre as forças do mal e as possibilidades do bem e da justiça.

O conceito de milenarismo, que neste âmbito tem a sua mais marcante matriz literária, muito mais do que qualquer fátuo esgrimir de datas para calcular o fim do mundo, traduz a consciência das ambiguidades permeáveis em qualquer representação do fim e a subtil multiplicidade das relações que se podem ir afirmando e eventualmente estabelecendo entre os conteúdos sonhados da utopia e as realidades sofridas da história.

Quatro apocalipses concretizam cálculos milenaristas: 1 Henoc, 2 Baruc, 4 Esdras, Ap 20, 1-15. Os três últimos aparecem situados em torno ao fim do século I, d.C. O Apocalipse de João foi o único livro bíblico destes que fizeram alguma concessão à tentação de medir o tempo futuro. E, se este pormenor contribuiu para tornar este livro muito falado e lido ao longo dos dois milénios de história da leitura já decorridos desde então, também não deixou de levantar, nos primeiros séculos, algumas objecções à sua aceitação para a leitura oficial e litúrgica das comunidades cristãs. Por isso, o Apocalipse foi dos últimos livros do Novo Testamento a receber o consenso que marcou a sua entrada no cânone.

Muitos outros cálculos de um tal reinado provisório do bem conduzem a números muito variados e alguns deles atingem números elevadíssimos de anos, o que já não parece condizer com a característica pressa dos apocalípticos. Um apocalíptico que atribui importância real à ideia do fim deste mundo, se se permite calcular o tempo de espera, tem natural tendência a calculá-lo para um tempo o mais curto possível, porque tem pressa. Os cálculos formulados em longuíssimas distâncias têm certamente outras conotações diferentes da imediatamente cronológica. É a vontade de articular a ideia de reordenamento com a duração do tempo histórico e com as realidades do quotidiano, sabendo que este tempo também é lento e pode até tornar-se interminavelmente longo.

A consciência do tempo, tanto no sentido do decurso histórico, com as vicissitudes que sentimos nossas, como no sentido presente de constituir o espaço onde se situam a

consciência das coisas e as experiências que a integram, é um elemento marcante da mentalidade, da atitude e das estratégias da apocalíptica.

Apocalíptica e escatologia

Existe evidentemente uma natural ligação entre a apocalíptica e a escatologia. Essa cumplicidade flui naturalmente da solidariedade entre as realidades e categorias que fundamentam a perspectiva apocalíptica da história e a consciência de um devir do tempo que culmina e desemboca numa etapa final de percurso. Na literatura da época das origens do cristianismo, é, por este motivo, muito profunda e frequente a relação entre estas duas temáticas. Em certos momentos e contextos ou sob a perspectiva de certos temas, pode mesmo tornar-se difícil destrinçar os produtos de cada um destes dois conceitos. Em ambos a consciência do tempo e as vicissitudes da história são aspectos marcantes.

Não se pode, no entanto, exagerar a escatologização da apocalíptica. O seu objectivo está muito mais intensamente concentrado na possibilidade e na urgência de intervir sobre o mais imediato presente, para o melhorar. Este mais imediato presente identifica-se certamente com o mais próximo futuro, o futuro que está a chegar e se encontra ao alcance da nossa mão. Poderíamos dizer que o futuro da apocalíptica é simplesmente esta espécie de presente perifrástico ou de futuro incoativo, aquilo que está aí a chegar. A noção semítica de tempo dividida entre o que está definido e acabado, o passado, e o que se encontra inacabado, faz com que o presente comungue igualmente da característica de aberto e inacabado que marca essencialmente o futuro. Esta característica é tão essencial que fixa a própria estrutura da conjugação verbal. E a apocalíptica também não está tão intensamente concentrada no futuro realmente distante.

Sobre a demonstração ou previsão do futuro, com pormenores factuais, a literatura apocalíptica é muito mais sóbria e naturalmente contida do que aquilo que uma leitura genérica e vulgar da mesma nos parece levar a pensar. Muito abundantes são as referências a acontecimentos com aspecto futuro que verificamos no livro do *Apocalipse*, certamente o mais lido e familiar deste género de literaturas. Algumas delas traduzirão um horizonte das expectativas que pode ser considerado claramente do domínio do intemporal, uma utopia para qualquer tempo. Mas a maior parte das referências ao futuro enquadra-se perfeitamente na referida noção de presente perifrástico. É presente porque nele se trabalha e é futuro precisamente porque ainda para ele se tem de trabalhar. Os grandes combates que dão a moldura dramática à literatura apocalíptica representam essencialmente o combate do presente, com o carácter decisivo e final que cada batalha do presente apresenta. E esse combate representa a agónica instalação do direito messiânico e do seu Messias.

Na verdade, aquilo que o *Apocalipse de João* verdadeiramente trata em termos de futuro é a duração do milénio, um tempo assim fixado que se segue à instauração do poder e da ordem messiânica. O tempo que se segue é o de uma realidade em que o mal é, segundo o código de esperança e do desejo, visto como uma realidade ainda existente, mas que deixou de ser dominante como antes era; o mal está controlado. De facto, o demónio, que personifica o mal, estará acorrentado, não terá rédea solta.

Esta é uma leitura certamente optimista do futuro. No entanto, deste futuro apenas se esboça este traço optimista; não se definem mais pormenores. Não se aventura nenhuma descrição de acontecimentos para este futuro. Este espaço dado ao tempo histórico futuro, aquele que pertence ao nosso nível de experiência normal, é o único que o *Apocalipse* lhe concede. E aqui as descrições são sóbrias. O futuro puramente histórico é um conteúdo bastante pouco pertinente, pelo que estamos a ver, no *Apocalipse*. E se esta perspectiva for

correcta, este facto significa que se pode ter andado a fazer do *Apocalipse* e da perspectiva apocalíptica em geral uma leitura muito eivada de um realismo marcadamente ingénuo. O teor do discurso apocalíptico impele para leituras factualizantes de realismo ingénuo. São tentações de leitura contra as quais convém estar sempre precavido.

Apocalíptica e escatologia preocupam-se ambas com uma imagem da história humana a encaminhar-se e a aproximar-se de uma utopia paradisíaca. Para ambas a imagem do amanhã desejado é modelada segundo os padrões de paraíso. No entanto, a perspectiva escatológica é mais sistemática, contemplativa e mítica, enquanto a perspectiva apocalíptica, cultivando as mesmas ambições, aceitando também muitas dimensões míticas e mantendo da realidade e da história uma leitura igualmente teológica, implica mais intensamente um apelo à militância de cada crente ou aderente à tarefa proposta. Enquanto a escatologia representaria sobretudo uma mitologia ou uma teologia, a apocalíptica seria sobretudo uma cruzada, mentalidade e projecto de que os aspectos míticos não se encontram evidentemente ausentes.

*E*standarização do discurso apocalíptico como discurso religioso

A nossa leitura da literatura apocalíptica pode beneficiar, actualmente, com a imensa distância a que se situam os acontecimentos originais a que se reporta e pelas experiências de vida das multidões incomensuráveis que medeiam entre aqueles tempos remotos e o nosso posicionamento actual de leitores.

Relendo, assim, desde longe a imagética da literatura apocalíptica, podemos verificar uma clara estandarização do discurso apocalíptico, reconhecendo-o como uma parte integrante e das mais representativas de todo o discurso religioso, sobretudo no contexto ocidental e cristão.

A fase constituinte da literatura apocalíptica constitui também um dos tempos mais marcantes e, por muitos aspectos, decisivo, na longa diacronia do discurso religioso de origem bíblica e de todos os seus sucedâneos, ao longo da história da cultura ocidental. Muitas das categorias e metáforas, muitos dos conceitos que definem com alguma naturalidade o religioso são de cariz marcadamente apocalíptico. O cerne destas coincidências poderia ser expresso pela centralidade que o conceito de revelação tem, tanto na apocalíptica como no discurso religioso judaico-cristão em geral. Este conceito define um tipo de conhecimento e um domínio de certezas cuja origem ou cuja fundamentação são superiores àquilo que a condição humana poderia conseguir.

Esta coincidência entre a linguagem apocalíptica e o discurso religioso essencial deve ser uma das razões que fazem com que seja tão cativante ou tão invadente e marcante o modelo apocalíptico no âmbito do discurso religioso. Estes aspectos têm contribuído bastante para que, ao longo da história, tenha sido com o discurso apocalíptico que se têm apresentado e apetrechado os movimentos mais inovadores na sociologia religiosa. Nas épocas mais próximas de nós e ainda hoje, podemos assistir à endémica naturalidade com que este tipo de discurso prolifera e atrai. Mesmo não tomando partido sobre os conteúdos propalados e as intenções declaradas, é evidente que o discurso apocalíptico continua a ter uma grande força persuasiva e uma razoável eficácia, apesar do suporte pouco realista e pouco pertinente com que tem chegado até nós. A linguagem apocalíptica tem facilidade em definir uma certa naturalidade do discurso religioso, com as suas ressonâncias profundas, os seus atractivos e até ou sobretudo com as suas inquestionáveis aporias.

Uma universal característica que o discurso religioso transporta entre nós desde há milénios é a sua ressonância épica. A aventura religiosa, tanto colectiva como até mesmo

individual, tem sempre um alcance e uma ressonância de características perfeitamente épicas. A aventura humana é encarada como uma história universal de proporções e recortes nitidamente épicos. Ora, este notório carácter épico do discurso religioso pode não ser exclusivamente originário da mundividência apocalíptica. As imagens globais que marcavam as primitivas mitologias pré-clássicas contribuíram certamente para lhe configurar deste modo a fisionomia. De qualquer modo, mais uma vez, estas perspectivas condizem muito bem com aquela sensibilidade. E a apocalíptica foi um dos nossos catalisadores da mitologia.

De maneira algo diferente nos pormenores e no entrosamento do sistema, o discurso gnóstico partilha igualmente este balanço e empolgância característicos de um movimento de epopeia fundamental. Contudo, no gnosticismo, esta epopeia é de sabor mais antropológico e iniciático; não enquadra tão directamente o percurso histórico como itinerário épico e político. Este itinerário épico histórico é, pelo contrário, um traço característico do discurso religioso judaico-cristão, que a apocalíptica assume quase como seu cerne.

Riquezas e escolhos no discurso apocalíptico

O polifacetismo da imagem apocalíptica e da capacidade que demonstra em administrar e potenciar epistemologicamente qualquer símbolo torna o discurso apocalíptico atraente. Por isso se justifica a dimensão de sucesso histórico que tem conhecido e a que já se fez referência.

No entanto, esse discurso conserva alguns aspectos em virtude dos quais se apresenta simultaneamente como repelente. Esta dialéctica suscita alguns problemas de apodicticidade. A imagem da realidade e os percursos e bases do saber que neste tipo de pensamento são pressupostos causam algumas incomodidades de administração epistemológica e deixam a sensação de algum excesso de afirmatividade. Foram problemas deste género que parecem ter levado algumas comunidades cristãs dos primeiros séculos a levantar dificuldades à aceitação do livro do *Apocalipse* como leitura oficial e, portanto, como livro bíblico para essas comunidades, como já anteriormente referimos.

Entre os principais escolhos do discurso apocalíptico podem destacar-se a tentação fácil de realismo ingénuo, o radicalismo e o fundamentalismo, com as atitudes de violência que deles pode sempre fluir, e a facilidade com que pode ser utilizado como discurso de sectarização.

É possível que no seu contexto originário de leitura, a força simbólica das imagens da apocalíptica fosse visível de maneira mais equilibrada do que hoje acontece. À distância de leitura a que nos encontramos, é muito possível e frequente pender-se para uma leitura mais espontânea e mentalmente menos disciplinada, em que as figuras simbólicas são vistas e, desta maneira, deturpadas com uma leitura em registo de realismo ingénuo. A transposição das imagens dos apocalipses para as nossas realidades históricas, não enquanto chave de leitura estrutural e analógica mas enquanto figuração de realidades e entidades concretas, faz parte destas leituras que são simultaneamente ingénuas, porque fetichizam dimensões simbólicas, e que acabam por ser também pretensiosas, porque pretendem um tipo de conhecimentos concretos para os quais as bases bíblicas invocadas não oferecem a mínima fundamentação.

No tocante à preocupação de introduzir ordem na sociedade e na história, a vontade apocalíptica é de tal maneira intensa que correu sempre e continua a correr o risco de tentar ordenar em excesso, considerando o universo e a sua ordem como sujeitos a uma cadeia de telecomandos sem tolerância nem excepção. Estas concepções quando se tornaram excessivas já perderam a própria causa de que nasceram, suicidaram-se no redemoinho do

seu próprio zelo e sucumbiram a uma das múltiplas tentações específicas e mais refinadas do homem religioso. O fundamentalismo parece tão naturalmente apocalíptico, mas ele é uma contradição em si mesmo. E é uma característica das tentações do homem religioso certamente não menos escorregadia, perigosa e perniciosa do que qualquer das tentações do homem comum.

A linguagem apocalíptica presta-se muito bem para a dinamização de grupos e de ideias, aproveitando os factores psicológicos e sociológicos da luta contra adversários e inimigos. É claro que também estes vectores ecoam facilmente na leitura da apocalíptica. Mas as suas virtualidades sectarizantes, que podem revelar-se eficazes na definição da identidade e das solidariedades de um grupo, são de algum modo suicidas, em termos de valores de projecto, e são contraditórias com o carácter total, humanitário e cósmico que a literatura apocalíptica indubitavelmente implica e expressamente afirma.

Contudo, é também por estes escolhos que o discurso apocalíptico se tem afirmado, ao longo da história, como um discurso profundamente humano, se bem que, algumas vezes, se mostre também escandalosamente humano.

Alguma Bibliografia

- John J. Collins: *The apocalyptic imagination. An introduction to jewish apocalyptic imagination*. 2ª ed. Eerdmans, Grand Rapids/Cambridge, 1998.
- John I. Collins, "The place of apocalypticism in the religion of Israel", em P. D. Miller, Jr., P. D. Hanson, S. D. McBride, *Ancient israelite religion*, Filadélfia, 1987, p. 539-558.
- André Dupont-Sommer e Marc Philonenko (dir.): *La Bible. Écrits intertestamentaires*, Ed. Gallimard, Paris, 1987.
- David Hellholm (ed.): *Apocalypticism in the mediterranean world and the Near East*. Proceedings of the International Colloquium on Apocalypticism, J. C. B. Mohr (Paul Siebeck), Tubinga, 1989.
- Mitchell G. Reddish (Ed.): *Apocalyptic Literature. A reader*, Abington Press, Nashville, 1990.
- H. H. Rowley: *A importância da literatura apocalíptica. Um estudo da literatura apocalíptica judaica e cristã de Daniel ao Apocalipse*. São Paulo, Edições Paulinas, 1980.
- D. S. Russell: *Divine disclosure. An introduction to jewish apocalyptic*, Fortress Press, Minneapolis, 1992.
- Adela Yarbro Collins: "Apocalypsis and apocalypticism", em *The Anchor Bible Dictionary*, Doubleday, New York, 1992, I, pp. 279-292.
- Apocalipse: novos céus e nova terra*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1988.
- Eduardo Arens; Manuel Díaz Mateos, Tomás Kraft: "Apocalypsis", em William R. Farmer: *Comentario Bíblico Internacional*, Ed. Verbo Divino, Estella, 1999.
- Uma leitura do Apocalipse*, Difusora Bíblica, Lisboa, 1986.
- Richard Bauckham: *The climax of prophecy. Studies on the Book of Revelation*, T&T Clark, Edinburgh, 1998.
- E. Corsini: *O Apocalipse de S. João*, S. Paulo, 1984.
- Elisabeth Schüssler Fiorenza: *Apocalypsis, visión de un mundo justo*. Verbo Divino, Estella, 1991.
- David L. Barr: *Tales of the end: a narrative commentary on the book of Revelation*. Polebridge Press, Santa Rosa (Califórnia), 1998.
- Wayne A. Meeks, *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*, S. Paulo, 1992.
- François Vouga, *Les premiers pas du christianisme: les écrits, les auteurs, les débats*, Genebra, 1997.
- Ana Valdez, «A Literatura Apocalíptica enquanto Género Literário (300 a.C - 200 d.C.)», in *Revista Portuguesa de Ciência das Religiões*, n.1, Junho 2002, Lisboa, Univ. Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- Julio Trebolle Barreta, *A Bíblia Judaica e a Bíblia Cristã*, Ed. Vozes, Patrópolis, 1999.